

VOZES NO  
JORNALISMO:  
ATAQUES DE  
GARIMPEIROS  
A INDÍGENAS  
EM RORAIMA

[ ARTIGO ]

**Martha Raquel Rodrigues**

*Universidade de São Paulo*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Este trabalho debruçou-se sobre a cobertura jornalística dos ataques dos garimpeiros ilegais à Terra Indígena Yanomami, em Roraima. A pesquisa analisou os sites de notícias Brasil de Fato e G1 Roraima, este do Grupo Globo, entre maio e novembro de 2021, período em que se intensificaram os episódios. A análise do material incluiu um levantamento de termos, discursos e vozes ouvidas e silenciadas durante a produção. Notou-se que a cobertura do site de notícias Brasil de Fato trouxe, além do factual, a visão dos indígenas e um aprofundamento dos impactos do garimpo na realidade no território, enquanto a cobertura do site de notícias G1Roraima privilegiou a cobertura factual, com vozes oficiais e sem aprofundamento dos impactos da violência na realidade das comunidades. Constatou-se também uma mudança tímida na narrativa empregada pelo G1Roraima em reportagens produzidas em parceria com a Rede Amazônica, que levou repórteres até o território, tratando os episódios como “ataques de garimpeiros aos indígenas”.

**Palavras-Chave:** Indígenas. Garimpo. Jornalismo. Brasil de Fato. G1 Roraima.

This study evaluated the journalistic coverage of attacks inflicted by illegal gold miners to Yanomami land in Roraima. This research analyzed publications by the websites Brasil de Fato and the Grupo Globo G1 Roraima from March to November 2021, a period of intensified conflict between these groups. When analyzing the material, the author has surveyed terms, discourses, and voices that were silenced and heard throughout the journalistic process. This survey has concluded that the coverage by Brasil de Fato brought (beyond the factual) the Indigenous peoples' vision of events and a deeper analysis of the impacts of illegal gold mining on the territory, whereas that by G1 Roraima focused on the facts, only showing official voices only and ignoring the impacts of violence in the reality of these communities. This study also found a timid change in the narrative of the G1 Roraima coverage in partnership with Rede Amazônica — a network that sent reporters to the territory —, defining the incidents as “attacks inflicted by gold miners on Indigenous peoples.”

**Keywords:** Indigenous peoples. Gold mining. Journalism. Brasil de Fato. G1 Roraima.

Este trabajo se centró en la cobertura periodística de los ataques de los mineros ilegales a la Tierra Indígena Yanomami, en Roraima (Brasil). Esta investigación analizó las páginas de noticias *Brasil de Fato* y *G1 Roraima*, este último del Grupo Globo, en el período entre mayo y noviembre de 2021 en que se intensificaron los episodios entre los grupos. El análisis del material incluyó un relevamiento de términos, discursos y

voces escuchadas y silenciadas durante la producción. Se observó que la cobertura en la página de noticias *Brasil de Fato* trajo, además de los hechos, la visión de los pueblos indígenas y una comprensión más profunda de los impactos de la minería en el territorio, mientras que la cobertura de *G1 Roraima* favoreció una cobertura factual, con voces oficiales y sin un análisis en profundidad de los impactos de la violencia en la realidad de las comunidades. También hubo un modesto cambio en la narrativa utilizada por *G1 Roraima* en los reportajes realizados en colaboración con la Rede Amazônica, que llevaron a los periodistas al territorio tratando los episodios como “ataques de mineros a indígenas”.

**Palabras clave:** Indígena. Minería. Periodismo. Brasil de Fato. G1 Roraima.

## Introdução

---

Pode-se dizer que a noticiabilidade tem como base alguns critérios, como os interesses financeiros, empresariais e ideológicos. A linha editorial adotada pelos veículos de comunicação está diretamente ligada aos interesses de investidores, anunciantes e do público que consome o produto.

Para compreender a forma como a questão indígena e de mineração ilegal é retratada na mídia, este trabalho se propôs analisar a cobertura jornalística de dois veículos de comunicação que acompanham os acontecimentos na região Norte do país, com foco em Roraima. Sendo o jornalismo um espaço que fomenta a opinião pública, este artigo tem como intuito apresentar quais abordagens foram adotadas durante a apuração dos fatos, qual a importância dada pelos veículos à pauta e quem são os agentes dignos de fala na narrativa empregada pelos veículos. Os meios de comunicação analisados são os sites de notícias Brasil de Fato e G1 Roraima, este do Grupo Globo.

Após um amplo levantamento de reportagens publicadas sobre as questões entre os povos originários e os garimpeiros ilegais no território, optou-se por questionar **quais** os discursos utilizados e quais as vozes consideradas e ignoradas nas narrativas. Tal questionamento se mostra relevante para a sociedade pois, uma vez que se analisa as formas como os episódios que envolvem a população indígena são comunicados, é possível compreender como e por meio de quais bases a opinião pública é formada.

O garimpo ilegal no Brasil acontece principalmente na região Norte, em áreas de

fronteira e muitas vezes dentro de territórios indígenas e de preservação ambiental. A atividade clandestina causa desmatamento da Amazônia e é responsável pela contaminação das águas, do solo e do ar por mercúrio. Além da substância tóxica, que envenena diariamente indígenas e populações amazônicas, a atividade garimpeira também leva doenças e violência para a região. Depois da interceptação de um carregamento de quase 1.000 litros de combustível no Rio Uraricoera, na Região do Palimiú, na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, pelos indígenas, a região passou a ser alvo de ataques diários de garimpeiros ilegais.

Para a realização da análise foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema e um histórico das reportagens que retrataram as questões vividas entre garimpeiros e indígenas Yanomami de maio a novembro de 2021, período em que episódios frequentes entre as partes foram registradas no território. Para realizar a pesquisa das publicações, foram utilizados o arquivo do G1 Roraima e o sistema interno (Frida) do Brasil de Fato, filtrando pelos termos “Roraima”, “Yanomami” e “garimpeiros”. Somente após a seleção e leitura detalhada das publicações foi realizada uma análise identificando as vozes e versões dos fatos presentes em cada veículo. Diante dos dados, um exame das abordagens foi realizado em cada um dos periódicos, levando em consideração a visão passada pelo veículo para a construção da opinião pública.

Durante o período analisado, integrei a equipe do Brasil de Fato como repórter focada nas questões indígenas e de mineração na região Norte do país, com atenção especial a Roraima. As reportagens do Brasil de Fato aqui analisadas são de minha autoria, com edição e linha editorial do veículo em questão.

## O jornalismo como determinante na opinião pública

---

As teorias de comunicação de jornalismo e seu papel ideológico fazem parte das discussões de Adelmo Genro Filho (1986). O autor transcende a visão comum do jornalismo ao pensar como ele se insere na história social e como seria, então, necessário pensá-lo dentro de uma realidade social e sua função no capitalismo.

O autor define o jornalismo como uma ação cultural da modernidade em que há o compartilhamento da imediatividade. O jornalismo seria uma forma de apropriação da realidade distinta da ciência, forjado na difusão de fatos e informações. À medida que se constrói uma ação cultural que possibilita a difusão dessas pílulas informativas, ela se conecta ao sujeito na construção da história humana. Essa singularidade do fato abre perspectivas universais para despertar essa percepção particular.

Em si, o jornalismo tem potencial de transformação, mas a colonização do jornalismo pelo capitalismo cria um direcionamento, despreza e suprime informações que não são consideradas interessantes para sua narrativa. A questão ideológica não se trata apenas da opinião do veículo, mas sim a consonância com o estoque de informações que existem disponíveis nas produções.

Perseu Abramo (2016) argumenta que há um abismo entre a objetividade da notícia e a neutralidade. O autor disserta sobre o processo de manipulação da realidade que pode estar presente no jornalismo. “Neutralidade, imparcialidade, isenção, honestidade etc., são palavras que se situam

no campo de ação”, pontua o autor. Para ele, tais coisas “dizem respeito aos critérios do fazer, do agir, do ser. Referem-se mais adequadamente a categorias de comportamento moral”. O autor enfatiza que os conceitos por si só já são constituídos a partir de um caráter moralista e moralizante.

Para Abramo, não é possível ser neutro ou imparcial no jornalismo, uma vez que a narrativa está condicionada ao que dá sustentação ao periódico. “Assim é defensável que o jornalismo, ao contrário do que muitos preconizam, deve ser não-neutro, não imparcial e não-isento diante dos fatos da realidade” (Abramo, 2016, p. 55), argumenta ao citar que o jornalismo deve tomar posição quando orienta para a ação.

A Cultura do Silêncio, segundo Paulo Freire (1987), é produto da colonização. Ele disserta sobre a relação dos “comunicados”, ou seja, o colonizador fala e o colonizado escuta. E para quebrar essa Cultura do Silêncio é necessário levar em consideração que se trata da consequência da ação humana. Freire parte do pressuposto de que a educação não transforma a realidade, a educação que transforma as pessoas e as pessoas transformam o mundo.

O mesmo se aplica ao jornalismo, que causa mudanças nas pessoas. Alguns indivíduos são ignorados nos relatos da realidade e, portanto, não considerados por aqueles que passam a ter voz, uma vez que são desconhecidos. Os marginalizados, por sua vez, não são considerados e não têm direito à fala.

O jornalismo é considerado um espaço fomentador da opinião pública

por Dennis de Oliveira (2017). Como o capital hoje é transnacional e dita arranjos nacionais, o jornalismo esvazia sua função por causa do arranjo institucional da esfera pública. O cidadão é transformado em consumidor, e o jornalismo em negócio. Segundo Dennis Oliveira, o jornalismo não é uma ferramenta, e sim um espaço. Ele não vai mudar o mundo, mas sim criar uma nova dimensão de relações sociais, e essas sociabilidades é que vão transformar o mundo.

Nesse sentido, este trabalho pretende identificar e qualificar quais falas são silenciadas e quais são consideradas na cobertura midiática da questão indígena no Brasil. A falta de noção da dimensão ou localização das terras indígenas no Brasil pode ser considerada um projeto político de manipulação das informações, uma vez que não saber as delimitações dos territórios faz com que as pessoas não tenham dimensão das violações cometidas. Estigmatizados, os indígenas não são percebidos por povos de outras civilizações como seres detentores de direitos e, portanto, não há preocupação de considerar suas vozes e demandas.

Enrique Dussel (2000) considera que a Cultura do Silêncio imposta pelo europeu universalizou a dominação, transformando os demais países colonizados em indignos de fala. Essa pedagogia inconsciente perpetua a dinâmica da não-comunicação e do comunicado, uma vez que as vozes dos que estão na periferia – que não é geográfica – sejam desconsideradas, a ponto de estes não se expressarem mais e apenas acatarem a fala das elites europeias. Sobre o conceito de totalidade, o autor argumenta

que se trata de uma limitação, uma vez que bolhas são criadas. É preciso existir para além da sua totalidade geográfica e social, ser reconhecido, ter direito à voz e contar sua perspectiva dos fatos.

Para a consciência crítica, que só pode existir a partir de uma posição ética bem específica, e pelo exercício de um novo tipo de racionalidade [...], as vítimas são reconhecidas como sujeitos éticos, como seres humanos que não podem reproduzir ou desenvolver sua vida, que foram excluídos da participação na discussão, que foram afetados por alguma situação de morte (Dussel, 2000, p. 303).

Para Anibal Quijano (2005), é preciso considerar um viés racial e patriarcal no padrão da colonização de poder, já que isso gera consequências políticas. O autor define a colonização das Américas como a grande chave para entender como se dão os arranjos institucionais atuais. Nesse mesmo sentido, a mídia não pode ser excluída quando se analisa a perpetuação desses padrões colonizadores. Fundamental para o capitalismo, o eurocentrismo dita como se dão as dinâmicas que mantêm o sistema global que marginaliza tudo que não dita as ordens capitalistas.

Sob uma ótica branca, europeia e masculina, o diferente é considerado subalterno, tornando, assim, o racismo um produto de ordenamento social. Com mira na segregação, Quijano classifica a generalização “índios” na América Latina – que ignora as origens, idiomas e costumes de milhares de povos originários – como uma classificação racial criada pela colonização para que houvesse a diferenciação entre o “nós” e o “eles”.

Por sua vez, o jornalismo hegemônico na América Latina reproduz os padrões de ordenamento de poder. As fontes que são autorizadas são de falas masculinas e brancas. Temas como a questão entre indígenas e garimpeiros são marginalizados pela mídia internacional, que prioriza as potências mundiais, e não a América Latina. Além disso, pautas com violações de direitos humanos não “vendem”, não geram interesse, já que não causaram reconhecimento. Nesse sentido, é válido dizer que há falas silenciadas e estigmas, e, a partir disso, visões únicas sobre um fato.

O espaço pode ser geográfico, determinando uma extensão territorial, ou subjetivo. Há muitas maneiras de se enxergar a ocupação dos espaços por meio de sua realidade. Diferente da visão dos homens brancos, para o ameríndio, por exemplo, o espaço compõe “dimensões tangíveis que cerceiam o dia a dia e criam processos simbólicos” (Barracco, 1988). Trata-se de um espaço de respeito à natureza, de sobrevivência e de sociabilidade. As comunidades são, então, o espaço destinado às práticas do dia a dia – morada, alimentação, descanso, lazer, convívio social e atividades de sobrevivência. Essa vivência gera para aquela população um valor simbólico e transforma aquele espaço em sagrado. Essa ligação do ser na localidade e nas dinâmicas estabelecidas gera um reconhecimento de tal forma que, “quando se encontra momentaneamente em trânsito, fora da aldeia, para caça ou outras necessidades, o ameríndio constrói uma aldeia optativa, mesmo por breve temporada, nos mesmos moldes da aldeia matriz” (Barracco, 1988).

## **Vozes silenciadas: a construção da narrativa**

---

As reportagens analisadas são frutos de um levantamento das produções do site de notícias Brasil de Fato por meio do acervo interno (Frida) e do arquivo público G1 Roraima. Foram selecionadas 22 reportagens entre maio e novembro de 2021, por abarcarem as questões entre indígenas e garimpeiros ilegais na Terra Indígena Yanomami, em Roraima. O portal Rede Amazônica também integra a análise, uma vez que produziu reportagens em colaboração com o G1 Roraima durante o período analisado.

Para selecionar o material, foram utilizadas as buscas “Roraima”, “Yanomami” e “garimpeiros” em ambos os veículos de comunicação, bem como uma varredura pelas datas que este artigo se propõe analisar – entre 1º de maio e 30 de novembro de 2021. Uma leitura detalhada foi feita a partir dos materiais selecionados e elaborada uma sistematização de quais vozes e versões dos fatos foram consideradas em cada produção. O intuito deste levantamento é identificar quais discursos foram adotados e quais visões essas produções jornalísticas podem fomentar na opinião pública.

O Quadro 1 registra quais vozes foram ouvidas no processo de execução das reportagens do G1 Roraima. São elas: Fundação Nacional do Índio (Funai), Polícia Federal (PF), Exército Brasileiro (EB), Ministério Público Federal (MPF), Hutukara Associação Yanomami (HAY), Conselho de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kuanna (Condisi-Y),

Diário Oficial da União (DOU) e indígenas do território que foram entrevistados.

Foram dez reportagens publicadas, com oito fontes diferentes. Em nove das dez reportagens não constam entrevistas com indígenas do território em questão. A única publicação que contém entrevistas com a população originária é uma produção em parceria com a Rede Amazônica, já que o veículo de comunicação enviou um repórter ao local. Essa reportagem em questão é também a única que trata as questões entre garimpeiros e indígenas como um “ataque” e chama os garimpeiros de invasores [de terra]. Nas demais publicações os episódios são tratados como “conflito” e “confronto”.

Na reportagem “Comunidade alvo de conflitos na Terra Yanomami vive clima de tensão: ‘todos os dias estou chorando de medo’”, a equipe do G1 Roraima entrevistou o delegado da Polícia Federal (PF) Adolpho Hugo de Albuquerque. A fala de Albuquerque culpabiliza os indígenas pelo “conflito”, como ele denomina.

O delegado diz que o “conflito” teve início após os indígenas se sentirem “extorquidos de alguma forma ou insatisfeitos”. Ele argumenta que houve uma tentativa de negociação entre os Yanomami e os garimpeiros após uma apreensão de combustível que seria utilizado no garimpo feita pelos indígenas. Albuquerque não cita de onde vem a informação.

[QUADRO 1]  
Reportagens publicadas pelo site de notícias G1 Roraima

Reportagem	Veículo	FUNAI	PF	EB	MPF	HAY	Condisi-Y	DOU	Entrevistas indígenas
“Conflito armado entre garimpeiros e indígenas deixa feridos na Terra Yanomami” <sup>1</sup>	G1 RR	x		x	x	x			
“Três garimpeiros morrem e quatro ficam feridos após conflito na Terra Yanomami, diz Condisi-Y” <sup>2</sup>	G1 RR				x		x		
“Vídeo mostra correria de mulheres e crianças no momento em que tiros são disparados na Terra Yanomami” <sup>3</sup>	G1 RR						x		
“Polícia Federal anuncia envio de tropas para comunidade alvo de conflito na Terra Yanomami” <sup>4</sup>	G1 RR		x			x	x		

1 Disponível em: <https://tinyurl.com/mrynb5s9>. Acesso em: 23 abr. 2024.

2 Disponível em: <https://tinyurl.com/4z8puv89>. Acesso em: 23 abr. 2021.

3 Disponível em: <https://tinyurl.com/tw9wwet3>. Acesso em: 23 abr. 2024.

4 Disponível em: <https://tinyurl.com/5ynv8w3j>. Acesso em: 23 abr. 2024.



[QUADRO 1]  
Continuação

Reportagem	Veículo	FUNAI	PF	EB	MPF	HAY	Condisi-Y	DOU	Entrevistas indígenas
“Garimpeiros jogam bombas em comunidade na região alvo de ataques na Terra Yanomami, diz Associação” <sup>5</sup>	G1 RR					x			
“Indígenas deixam comunidades após ataques de garimpeiros na Terra Yanomami, diz Conselho” <sup>6</sup>	G1 RR e Rede Amazônica	x	x			x			
“Comunidade alvo de conflitos na Terra Yanomami vive clima de tensão: ‘todos os dias estou chorando de medo’” <sup>7</sup>	G1 RR e Rede Amazônica		x						x
“Ministério da Justiça autoriza uso da Força Nacional na Terra Yanomami” <sup>8</sup>	G1 BSB							x	
“Yanomami se escondem na floresta após novo ataque a tiros de garimpeiros em comunidade” <sup>9</sup>	G1 RR					x			
“Garimpeiros afundam canoa com crianças e jovens indígenas que pescavam na Terra Yanomami” <sup>10</sup>	G1 RR					x			

No quadro referente à análise das reportagens do Brasil de Fato, novos campos foram considerados, uma vez que as reportagens continuam um número maior de fontes. São elas: Funai, Polícia Federal,

Exército Brasileiro, MPF, HAY, Condisi-Y, Diário Oficial da União, Ministério da Saúde, Ministério da Defesa, Ministério da Justiça e Segurança Pública, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Supremo

5 Disponível em: <https://tinyurl.com/bvaxt62y>. Acesso em: 23 abr. 2024.

6 Disponível em: <https://tinyurl.com/2kn46bxb>. Acesso em: 23 abr. 2024.

7 Disponível em: <https://tinyurl.com/2c5mntm6>. Acesso em: 23 abr. 2024.

8 Disponível em: <https://tinyurl.com/4cx9jka7>. Acesso em: 23 abr. 2024.

9 Disponível em: <https://tinyurl.com/3svr6j6w>. Acesso em: 23 abr. 2024.

10 Disponível em: <https://tinyurl.com/mu5df5kt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

Tribunal Federal (STF), Conselho Indígena de Roraima (CIR), Ministério do Meio Ambiente e indígenas entrevistados.

A linha editorial do veículo dita como necessária a escuta de pelo menos um personagem em toda reportagem sobre o tema. Assim sendo, as 12 produções selecionadas sobre o assunto no período de investigação contam com entrevistas com indígenas do território Yanomami sobre suas vivências e os episódios de ataques. A princípio, em diálogo com as lideranças indígenas da região, a equipe do veículo de comunicação optou por não identificar as comunidades atacadas pelos garimpeiros ilegais, já que os indígenas temiam represálias. Somente a região Palimiú era citada nas produções.

Após meses de ataques diários, os indígenas avaliaram que nomear as comunidades

atacadas poderia mostrar a dimensão do terror na região, e pediram que nas novas produções constassem a localidade e comunidade alvo dos garimpeiros. Yakepraopë, Maikohipi, Korekorema e Tipolei passaram então a compor as produções do Brasil de Fato sobre os ataques na região do Palimiú, que conta com 15 comunidades indígenas.

O site de notícias tratou desde a primeira reportagem as questões entre indígenas e garimpeiros como “ataques”, evidenciando o armamento utilizado pelos garimpeiros – armas de fogo e bombas. Também classificados de “invasores”, as reportagens chamam a atenção para a prática ilegal dos garimpeiros. Além dos ataques, as produções trataram também dos impactos na dinâmica da rotina dos Yanomami e da vida espiritual dos povos originários.

## [QUADRO 2]

### Reportagens publicadas pelo portal Brasil de Fato

Reportagem	FUNAI	PF	EB	MPF	HAY	CondisiY	DOU / União	Entrevistas indígenas	Min. Saúde	Min. Defesa	Min. Justiça	Apib	STF	CIR	Min. Meio Ambiente
“Garimpeiros armados chegam de barco e atacam comunidade indígena em Roraima; assista” <sup>11</sup>	x	x	x		x			x							
“Yanomamis sob ataque do garimpo pedem ajuda a Exército pela 3ª vez; MPF vai à Justiça” <sup>12</sup>			x	x	x			x							

<sup>11</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/yc7db62t>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/3mrjyutx>. Acesso em: 23 abr. 2024.

## [QUADRO 2]

## Continuação

Reportagem	FUNAI	PF	EB	MPF	HAY	CondisiY	DOU /União	Entrevistas indígenas	Min. Saúde	Min. Defesa	Min. Justiça	Apib	STF	CIR	Min. Meio Ambiente
"Yanomamis denunciam morte de duas crianças durante ataque de garimpeiros em Roraima" <sup>13</sup>	x			x	x	x		x	x	x					
"Após ataque a bomba de garimpeiros, Yanomamis enviam 4º pedido de socorro ao Exército" <sup>14</sup>			x		x			x	x						
"Funai diz que presta segurança a Yanomamis sob ataque do garimpo; indígenas desmentem" <sup>15</sup>	x			x	x		x	x							
"STF ordena que União garanta segurança de Yanomamis sob ataque do Garimpo em Roraima" <sup>16</sup>					x			x				x	x		
"Garimpeiros invadem comunidade Yanomami em RR e matam cachorro como forma de ameaça" <sup>17</sup>					x			x							
"21 dias após ordem do STF, governo diz que enviará Força Nacional a terra indígena" <sup>18</sup>			x		x		x	x					x		

<sup>13</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/bdexzyfj>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/39d9ahpb>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/2pmefkrx>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/2s3nn8kj>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/mr38hhfh>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/mr38hhfh>. Acesso em: 23 abr. 2024.

## [QUADRO 2]

## Continuação

Reportagem	FUNAI	PF	EB	MPF	HAY	CondisiY	DOU /União	Entrevistas indígenas	Min. Saúde	Min. Defesa	Min. Justiça	Apib	STF	CIR	Min. Meio Ambiente
“Garimpeiros atacam 3ª comunidade indígena (RR); já são 9 pedidos de socorro ignorados” <sup>19</sup>					x			x							
“Garimpeiros armados invadem terra indígena em RR, agridem e atiram crianças em rio” <sup>20</sup>					x			x			x				
“Exército é o único vendedor de bombas utilizadas por garimpeiros para atacar indígenas” <sup>21</sup>	x		x		x			x							
“Garimpo mata sete indígenas em seis meses em Roraima; quatro eram crianças” <sup>22</sup>	x	x								x	x			x	x

## Conclusões

O site de notícias G1 Roraima, do Grupo Globo, que publicou reportagens elaboradas por repórteres que escreviam diretamente de Roraima, fez a cobertura factual dos casos em dez reportagens. Oito fontes constam nas reportagens, sendo cinco oficiais, duas lideranças indígenas e duas instituições dos povos originários. Um fato importante a ser

considerado é que somente as reportagens elaboradas em colaboração com o portal Rede Amazônica continuam a versão dos indígenas sobre os fatos, já que os repórteres do Grupo Globo não realizaram nenhuma entrevista com os Yanomami.

Ao tratar a questão entre indígenas e garimpeiros como “conflitos” e “confronto”, o G1 Roraima criou uma narrativa em que ambos os lados estavam no mesmo nível.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/3d56jkxa>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/35ytzvbe>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/36pk94y6>. Acesso em: 23 abr. 2024.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/5aknzt6v>. Acesso em: 23 abr. 2024.

Em uma das reportagens publicadas, o veículo de comunicação traz uma fala culpabilizando os indígenas pelos ataques dos garimpeiros, uma vez que o “conflito” só teria ocorrido porque os Yanomami barraram uma carga de combustível que seria utilizada no garimpo. Para o jornal, interceptar material danoso ao meio ambiente e que ajudaria na atividade ilegal torna os indígenas responsáveis pelos episódios que se seguiram.

Já o Brasil de Fato, do qual integrei a equipe como repórter sitiada em São Paulo com foco em Roraima, realizou a cobertura dos ataques dos garimpeiros às comunidades da Terra Indígena Yanomami com produções de aprofundamento. Foram 12 reportagens, com 16 fontes, sendo dez oficiais, duas lideranças indígenas e quatro instituições dos povos originários.

Os episódios narrados como “ataques” são descritos nas reportagens que trazem o factual e os impactos para as comunidades. A questão espiritual e o terror psicológico são abordados com a versão dos indígenas sobre os fatos. A origem das reportagens está nas denúncias das lideranças, no contato permanente com as instituições indígenas do território e na checagem diária dos processos e pedidos enviados por essas instituições. O periódico teve como fonte norteadora os próprios Yanomami.

É possível perceber duas coberturas diferentes do fato. Enquanto uma privilegia as falas oficiais, institucionais e de visão meramente burocrática, sem se aprofundar como o tema influencia a vida dos povos originários, a outra é pautada nas vivências e denúncias dos Yanomami. Vozes diferentes

são ouvidas e consideradas nas produções dos veículos analisados.

Vozes indígenas silenciadas, falta de noção da dimensão dos territórios e desconhecimento dos povos originários marcam a narrativa que beneficia os garimpeiros ilegais, joga os Yanomami cada vez mais para a marginalização e contribui para o genocídio indígena, uma vez que um povo que não sabe da realidade dos massacres não se revolta contra eles. ■

**[ MARTHA RAQUEL RODRIGUES ]**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP), atuando na linha de Comunicação, Literatura e Cultura. Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Pesquisadora da Cátedra José Bonifácio do Centro Ibero-Americano do Instituto de Relações Internacionais da USP. Integra o Grupo de Estudos de História, Direito, Democracia e Estado na América Latina (GEHDDEAL).  
E-mail: martharaquel@usp.br

## Referências

---

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

BARRACCO, Helda Bullotta. Aldeamento indígena e o espaço simbólico. *In*: SÁ, Alvino Augusto de (org.). **A cidade, a habitação**. São Paulo: APEC, 1988. p. 11-22.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1986.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.